



Uma Aventura na Terra e no Mar

Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Ilustrator)

[Download now](#)

[Read Online](#) ➔

Uma Aventura na Terra e no Mar

Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

Uma Aventura na Terra e no Mar Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

Participar numa volta à Ria de Aveiro em bicicleta aliciou alunos e professores de muitas escolas. A cidade ficou a abarrotar de gente nova, houve festas divertidíssimas, e por uma vez na vida as gémeas até quiseram parecer diferentes. Chico ia ganhando a corrida mas na última volta viu-se ultrapassado pelo Gabriel, um rapaz cabo-verdiano muito simpático. Como bom desportista, Chico aceitou o segundo lugar.

O que não aceitou foi limitar-se aos programas preparados pela organização.

E assim, a meio da noite, desapareceu ele e o João. Para onde teriam ido? Os amigos ficaram em pânico quando descobriram que eles tinham partido para o alto mar.

Uma Aventura na Terra e no Mar Details

Date : Published 1997 by Editorial Caminho (first published 1986)

ISBN :

Author : Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

Format : Paperback 162 pages

Genre : Childrens, Adventure

 [Download Uma Aventura na Terra e no Mar ...pdf](#)

 [Read Online Uma Aventura na Terra e no Mar ...pdf](#)

Download and Read Free Online Uma Aventura na Terra e no Mar Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

From Reader Review Uma Aventura na Terra e no Mar for online ebook

Bartolomeu De Bensafrim says

a velocíssima perseguição que Faial dedicara à própria cauda, ininterruptamente, durante dezoito dias, ocasionou uma brecha no espaço-tempo que atirou o pastor-alemão para o ano 2054. pateando pelas ruas da capital do mundo (Múrcia, Andalúcia, Portugal) o cão percebeu que pouco tinha mudado - as pessoas ainda tinham a testa azul, bacon nos beiços e os punhos cheios de sangue. mares castanhos e mortos, selvas nenhuma. respirava-se pó de plástico. coliseus cheios de milhões de almas em delírio reunidas para ver os últimos representantes de determinada espécie explodir no centro da arena. vendedores ambulantes vendiam cagalhões cozidos a vapor. todas as peças do final de ciclo no respectivo lugar (mais espécies virão um dia, mais fantásticas e belas que jamais).

entretanto, no nosso lúcido presente, João descobrira que a atmosfera, para ele, se apresentava com uma surreal líquidez. conseguia respirar, e os seus olhos observavam tudo com a limpidez do costume, mas todos os seus movimentos, assim como o seu comportamento gravitacional, obedeciam às regras de um corpo submerso em água. então saiu a nadar (a voar) pelas ruas, rindo com contagiante infantilidade, sobre as atónitas cabeças da população.

João entrou na padaria rente ao tecto, dizendo os bons dias enquanto evitava a grande ventoinha, e saiu com uma baguete debaixo do braço - qual híbrido entre São Jorge e um dragão, em busca de diabólico cavalo que exige extermínio.

depois passou a tarde a rondar as janelas dos arranha-céus, cantando às moças feias o mais bonito dos amores, roubando beijos e oferecendo sonhos.

agarrou-se ao casulo macio do bicho-da-seda gigantesco que eclodirá, majestoso, numa sufocante tarde de Janeiro [ver uma aventura na cidade], com os vendedores de castanhas bailando, nus, no parque, junto com o exército de caniches que acabara de aterrar, pronto para conquistar o planeta, mas que fora ele próprio derrotado pelo samba.

um babuíno sobe à tribuna de honra da Assembleia da República e grita:

- a partir de hoje é proibido cortar madeira, e obrigatório cortar madeireiros. quinhentas gramas o euro!

todos os políticos do mundo derretem ao mesmo tempo e a atmosfera volta ao tédio. João, que tocava guitarra no milionésimo andar, é subitamente apanhado pela fatalidade gravitacional. enquanto cai, toca o *capricho arabe* de Tarrega e sorri à morena da janela que, destrocada, com lágrimas nas janelas da alma, vê o seu novo amor morrer, sem reparar na pequena lágrima que tocava minúscula guitarra à lágrima da janela da alma. lágrima sobre lágrima, ad infinitum, bactérias a amarem-se ouvindo caprichinhos árabes.

Faial teleporta-se e acolhe o dono no dorso. fim.

mas é importante imaginar a queda do ser humano, a centenas de quilómetros por hora, guitarra na mão, e sentir no palato o estatelar eminente, o som do estilhaçar de ossos, e depois visualizar um pastor alemão a aparecer por repentina magia (sem fumos nem clarões), e o humano a bater contra o dorso e, imediatamente, passar a estar de pé a acariciar o cão, guitarra na mão, sorriso imbecil no rosto, gratidão infinita por estar vivo apesar dos piolhos que lhe comem o escalpe.

a lagarta move-se dentro do casulo. em breve eclodirá.

Lily E says

3 estrelas - grande leitura da minha pré-adolescência!

André José says

Bastante diferente do estilo habitual! Gostei bastante!
